



# Entrevista: Religiosidades

## Eliesse Scaramal

O tema *Religiosidades* foi escolhido para este *Dossiê Temático* tanto por ser um tópico transdisciplinar quanto por abarcar uma gama de práticas religiosas; ou seja, ele permite um rico enfoque sobre a complexidade da realidade social. Hoje, observa-se uma diversidade religiosa que permite às pessoas a vivência de múltiplos espaços de pertencimento através do trânsito entre diferentes religiões. Além disso, há um número crescente de pessoas que não professam uma identidade religiosa ou que não têm um vínculo com alguma instituição nesse âmbito; essas apenas possuem a crença em *algo mais*. Com a intenção de pôr à vista as práticas religiosas não tradicionais e debater sobre o entrelaçar paradoxal das religiosidades, entrevistamos a pesquisadora Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal.

Historiadora de formação – com graduação e mestrado pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutorado pela Universidade de Brasília (UnB) – e docente da Universidade Federal de Goiás, Eliesse é Coordenadora do Centro Interdisciplinar de Estudos África-Américas (CieAA). Para este número da *Senso Comum*, devido à sua trajetória acadêmica e política no que diz respeito ao tema proposto, a professora, que é também iniciada no Candomblé, foi por nós entrevistada. Nesse sentido, agradecemos imensamente à docente pela participação, que possibilitou este instigante e precioso diálogo sobre o tema das *Religiosidades*.

---

Para mais informações da autora em sua área de atuação, a professora Eliesse nos indicou um de seus trabalhos publicado na Associação Nacional de História (ANPUH), o qual pode ser acessado pelo *link*: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST7/007%20-%20Eliesse%20Scaramal.pdf>>

**Há controvérsia na utilização dos termos religião e religiosidade? Caso haja, o termo religiosidade pode vir a substituir o de religião?**



Essa controvérsia tem uma relação contígua que diferencia – de forma hierarquizada – as denominadas formas de conhecer o mundo. Nesses termos, as ciências passaram a ocupar uma posição superior a outros modos de conhecimento, tais como a filosofia, a arte, o mito e também o senso comum. Esse tipo de hierarquia é ideológico e obedece a um projeto de poder que gera o denominado epistemicídio, ou seja, a invalidação da alteridade, das formas criadoras e cognitivas que sujeitos outros, que não estão em situação de poder de enunciação, têm por direito legítimo de construir e interpretar o mundo. Dessa forma, intelectuais e cientistas (esses, sim, em situação de poder de enunciação) passaram a categorizar religião e religiosidade, atribuindo à primeira uma forma superior à segunda, por supostamente guardar uma estrutura e organicidade próxima aos modelos monoteístas das religiões com impacto social hegemônico ou representação demográfica destacada, como o cristianismo e o islamismo. A religiosidade, nesse modelo interpretativo, ficaria relegada a um segundo plano por não guardar a totalidade das estruturas da religião ou as características “prestigiosas” citadas. A religiosidade seria, nessa visão que considero dura, uma prática não estruturada da religião. Se o termo religiosidade pode vir a substituir o de religião? Isso depende mais da abordagem ôntica, ontológica e epistemológica que os pesquisadores virão a tomar em suas análises sobre o tema.

**Há uma relação entre religião ou religiosidade e epistemologia. A religiosidade das(os) pesquisadoras(es) ou das sociedades em que elas/eles estão afeta as práticas de conhecimento desses sujeitos? Como?**



Com efeito, sim. A objetividade, na forma de distanciamento higienizado, quando da escolha de um objeto de estudo em uma pesquisa-ção ou observação participante, não existe. A partir do momento em que o pesquisador passa a atuar junto às comunidades religiosas, tende tanto a influenciar quanto a ser influenciado, por meio de trocas culturais. Um exemplo: sou professora de História da África e uma iniciada no Candomblé. Recentemente, fui abordada por um candomblecista que queria, em suas palavras, “testar” o acesso privilegiado a determinados conhecimentos que eu, como *yawò* (ou seja, como recém-iniciada), não poderia ter, dado meu pouco tempo de iniciação. Evidentemente, ele não anunciou em um primeiro momento que se tratava de um teste, e eu tampouco desconfiei. A pergunta era se eu sabia quem eram os *Êssas*. Respondi com meus conhecimentos sobre história da África, em especial da história do Reino de Ketu (África Ocidental). A partir de minha resposta, baseada na historiografia, meu interlocutor teve acesso a informações que desconhecia sobre a origem do termo e como esse se configurava na África. Agora, com certeza, meu interlocutor terá uma moeda a mais para utilizar no disputadíssimo “mercado de saberes” que é o Candomblé. Evidentemente, eu, como membro do “baixo clero”, não consegui tirar dele nenhuma informação a mais do que eu já sabia. Nesse caso, mesmo não acrescentando nada a mais a meus parcos conhecimentos sobre os orôs (interditos/segredos) do Candomblé, reforcei junto à comunidade candomblecista goiana a eticidade e o rigor que meu Babalorixá conduz minha “criação”, não me permitindo acesso a conhecimentos interditos a alguém de minha “idade de santo”.

**Você estudou vodu no Haiti. Como foi a escolha dos temas para estudo e o que você ressalta da experiência?**

Escolhi esse tema ainda quando era aluna de Iniciação Científica pelo Centro de Estudos do Caribe no Brasil (CECAB), fundado aqui

na UFG. A professora Olga Cabrera, à época minha orientadora, me indicou a leitura do romance *O reino deste mundo*, do franco-cubano Alejo Carpentier. Fiquei encantada com a narrativa histórica da revolução haitiana enviesada pelo real maravilhoso. Nessa obra, os africanos e haitianos são os protagonistas da única revolução de escravos bem-sucedida da história mundial. E isso é fato. Além disso, nesse romance, o vodu é apresentado em seu viés cosmogônico, e não na perspectiva maculada e estereotipada que é veiculada no filmes hollywoodianos, com bonequinhos de panos espetados por agulhas. Meus estudos sobre vodu tiveram uma envergadura mais histórica e fenomenológica do que etnográfica. Apoiei-me bastante em pesquisas de antropólogos que são referências incontestáveis sobre o tema, tais como Alfred Métraux e Laënnec Hurbon, cujos estudos foram basais tanto em minha dissertação de mestrado quanto na minha tese de doutorado. Em ambas, argumento que o fenômeno de abjeção ao migrante haitiano tem um peso muito maior em sua religião do que no recorte de raça, posto que, por todo o Caribe, os haitianos sempre sofrem mais perseguições que outros antilhanos, como jamaicanos, barbadianos, etc., ainda que negros.

**E sobre o Candomblé, como foi sua escolha pelo tema? Quando você se identificou a ponto de querer ser iniciada no Candomblé? Continua pesquisando sobre o tema?**

No ano de 2006, foi aprovado um projeto de pesquisa, financiado pelo CNPq, no qual me propus estudar as mediações territoriais do sagrado em Goiânia. A problemática central que envolvia o projeto decorreu do episódio conhecido em Goiânia como “Caso Vaca Brava”. No ano de 2003 para 2004, Goiânia foi palco de um evento de intolerância que se repetia por várias cidades do Brasil. Naquele ano, o artista plástico baiano Tatti Moreno foi convidado pela prefeitura dessa cidade a expor alguns exemplares de esculturas que representavam Orixás, no lago do Parque Vaca Brava. Essa exposição coincidiu com o processo





eleitoral municipal. No páreo, estavam os candidatos do PT, à época, da situação, e do PMDB, da oposição. Houve uma ampla mobilização do segmento pentecostal e evangélico contra a exposição das estátuas dos Orixás. O protesto desse segmento evangélico contou com o apoio discreto do candidato do PMDB, que ganhou a eleição. Um dos principais argumentos desse segmento era justamente a laicidade do Estado e do uso do espaço público para a exposição de imagens sagradas. O curioso é que a exposição coincidia com a época do Natal (começaria no Dia Nacional da Consciência Negra, 20 de novembro, e perduraria até o ano novo). As exposições de iconografias cristãs não foram questionadas por esse segmento, incluindo a natalina e as diversas esculturas de Bíblias nas praças públicas em Goiânia e outras cidades, como Santo Antônio do Descoberto. O desenvolvimento do projeto encontrou seu primeiro entrave no vigente discurso acadêmico de que “em Goiânia não existia Candomblé”. Com a pesquisa, descobriu-se não apenas que essa assertiva era equivocada como também que invisibilizava e encobria – até mesmo na academia e no governo estadual – um componente importante da diversidade religiosa goiana. Iniciei minha pesquisa com apoio de consultores notório-saber e uma equipe de alunos de Iniciação Científica da UEG, hoje em sua grande maioria mestrandos e mestres que continuam a pesquisa no tema, sobretudo por meio do Centro Interdisciplinar de Estudos África-Américas (CieAA), da UEG/UFG. Em algumas de minhas visitas aos rituais públicos do Candomblé – conhecidos por Xirês –, entrei em transe – conhecido no jargão afro-brasileiro por “bolar no santo” – e optei por me iniciar. Posteriormente, descobri que o índice de pesquisadores de religiões de matriz africana que se iniciam no Candomblé depois de entrar em transe é mais recorrente do que se imagina. Inclusive, há até teses sobre o fato, das quais destaco o brilhante trabalho do antropólogo Vagner Gonçalves, que, em seu trabalho intitulado *O Antropólogo e sua Magia*, apresenta uma instigante etnografia sobre o tema. Ao que se apresenta, a cada dez pesquisadores que desenvolve o tema, oito se iniciam ou são iniciados nessa religião.

Sou apenas mais uma. No momento, estou em vias de entregar outro projeto aprovado com financiamento externo, dessa vez pela FAPEG, com o tema História do Candomblé em Goiás. Esse é um projeto que desenvolvo com a professora Mary Anne Vieira Silva, atual coordenadora do CieAA-UEG e doutoranda no IESA-UFG, que também tem um projeto financiado pela FAPEG sobre Mães-de-Santo. A pesquisa conta também com uma equipe de mestrandos da UFG e de alunos de Iniciação Científica da UEG, além do apoio do consultor notório-saber Babalorixá Marcos D'ávila ti Oxalá, o qual me iniciou no Candomblé.



**Assim como existem várias religiosidades, existem várias maneiras de estudar esse tema. Nesse sentido, o que a sua abordagem possui de específica?**

Meus estudos sobre religiões de matriz africana estão diretamente relacionados ao meu objetivo maior, que é uma educação para a diversidade, a tolerância e o respeito às diferenças. Esse é meu objetivo maior, e minha abordagem é conduzida por esse viés. Nesses termos, não faço nada a mais que qualquer professor comprometido com a educação faria: pesquisar, conhecer, ensinar e, na medida do possível, devolver, por meio de ações extensionistas, os produtos do conhecimento à comunidade que o acolheu como pesquisador. Atuar nessa tríade não é mérito, é obrigação, sobretudo quando seu campo de atuação é o ensino público.

**No Brasil existem várias religiões. Você acredita que existam intersecções entre elas? Há peculiaridades nas vivências religiosas no país? Se há, por quê?**

Não se trata de acreditar. As intersecções religiosas são plausíveis e historicamente factíveis. Se buscarmos uma hermenêutica pluritópica, ou seja, uma interpretação que parta de vários *topoi* (lugares) de enunciação,



que ultrapasse o modelo de univocidade monocêntrica, pode-se perceber as inter-relações, os imbricamentos de vários signos e símbolos nas vivências religiosas no Brasil. Isso está presente em grande parte das religiões. Das que eu conheço mais de perto, poderia arriscar duas que menos sofrem com esse imbricamento: as Testemunhas de Jeová e os Adventistas do Sétimo Dia. Mesmo as vertentes mais ortodoxas do Candomblé de Ketu (ou Nagô) sofreram intersecções de religiões/religiosidades (ou influências cosmológicas, como queiram) de outras culturas africanas, como os Jêjes e Congo-Angola. No Brasil, essas intersecções são mais visíveis em religiões como a Umbanda e Encantaria brasileira (Jurema, Pajelança, etc.) que mantêm laços estreitos com o catolicismo. Há também uma presença incontestável dessas intersecções nas religiões neopentecostais, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), do pastor Edir Macedo. Essa última promove um verdadeiro assalto às simbologias das religiões afro-brasileiras (como a Umbanda, Jurema e Pajelança). A IURD utiliza das bases e dos códigos das religiões afro-brasileiras e, de forma sub-reptícia, promove a intolerância e a violência simbólica contra as mesmas.

**Em relação ao processo de secularização no Brasil, qual seu posicionamento sobre essa questão? Pode-se afirmar que o Brasil é um Estado laico? Em que medida?**

Recentemente, alunos de vários países africanos que participam de um projeto de intercâmbio no Brasil promoveram um evento na UFG para celebrar o dia da África, comemorado internacionalmente no dia 25 de maio. O evento ocorreria por toda uma semana. Esses alunos acreditaram no dispositivo constitucional que preconiza que o Brasil é um Estado laico. O resultado: o evento sofreu várias alterações por conta do feriado prolongado que comemorava o dia da Padroeira de Goiânia. Essa é a medida da (pseudo) laicidade do Estado brasileiro.

**Considerando a diversidade de religiões e suas classificações hierarquizadas na sociedade brasileira, é possível afirmar que hoje exista um diálogo menos etnocêntrico entre as religiões ou religiosidades?**



Sabe-se que o fenômeno etnocêntrico é universal e culturalmente temporalizado, assim como é um fato que as diversidades, incluindo a religiosa, sempre existiram. Porém, isso não significa que essas diversidades tenham sempre sido reconhecidas em suas positivities. Nesse sentido, as hierarquizações classificatórias que diferenciam negativamente as religiões demograficamente minoritárias, como as religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, por exemplo, são uma continuidade da situação de colonialismo e etnocentrismo iluminista. Esse diálogo ainda não existe de forma efetiva, mas, como professora, considero ser nossa obrigação trabalhar de forma contributiva para diminuir o sofrimento de minorias que sofrem com preconceitos e perseguições.